

— JON SKOVRON —

# IMPÉRIO DAS TORMENTAS



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

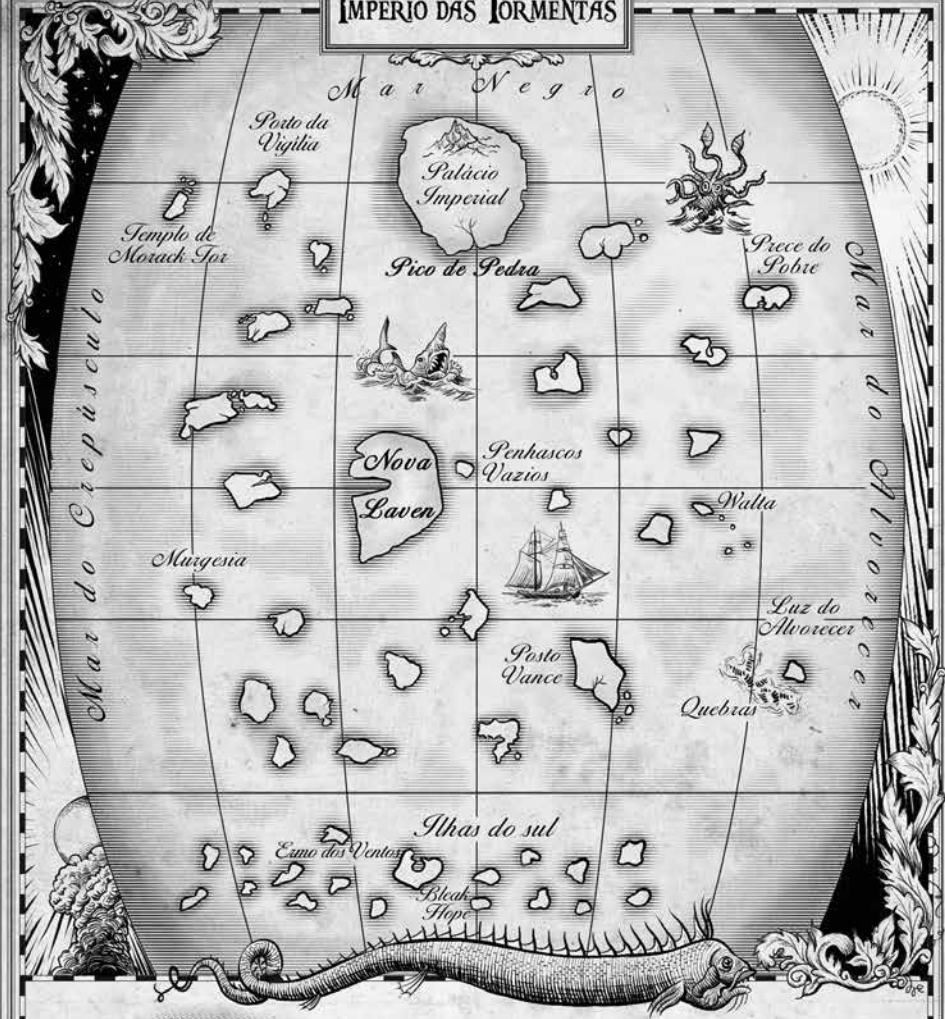
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para meu pai, Rick Skovron, que me  
apresentou aos livros de fantasia.  
Está vendo o que você fez?*

# IMPÉRIO DAS TORMENTAS



- |                                      |                                 |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| a. Paz no Vento                      | i. Três Taças                   |
| b. Porto das Margaridas              | j. O Buraco                     |
| c. Via da Colheita                   | k. Salão da Pólvoa              |
| d. Solar Pastinas                    | l. Rato Afogado                 |
| e. Guarnição Imperial                | m. Trapo e Tablado              |
| f. Galeria Vista da Baía             | n. Pedacinho do Céu             |
| g. Casa de Tudo da<br>Madame Destino | o. Mãe do Marinheiro            |
| h. Solar das Macieiras               | p. Ponto sem Volta              |
|                                      | q. Salão de Jogos do Grande Sig |

*Nova Laven*

# PRIMEIRA PARTE



“Quem perdeu tudo é livre para se tornar o  
que quiser ser. É um preço alto a pagar,  
mas a grandeza é sempre assim.”

– *O livro das tormentas*

# 1

O capitão Sin Toa era mercador fazia muitos anos e já tinha visto muitas coisas. Mas isso não tornava seu trabalho mais fácil.

O povoado de Bleak Hope era uma pequena comunidade nas frias ilhas do sul, na fronteira do império. O capitão Toa era um dos poucos mercadores que passavam pela região, e só fazia isso uma vez por ano. O gelo que se formava na água tornava quase impossível alcançar o local nos meses de inverno.

Mesmo assim, o peixe seco, os ossos de baleia e o óleo de lampião produzidos ali eram boas mercadorias e rendiam um ótimo preço em Pico de Pedra ou Nova Laven. Os aldeões sempre foram educados e afáveis, com seu jeito sulista e taciturno. Era uma comunidade que havia sobrevivido nessas condições difíceis durante séculos, e Toa respeitava isso imensamente.

Assim, foi com uma pontada de tristeza que ele deparou com o que restava do povoado. Enquanto seu navio seguia para o porto estreito, ele examinou os caminhos de terra batida e os casebres de pedra, e não encontrou sinal de vida.

– Qual é o problema, senhor? – perguntou Crayton, o imediato, um bom sujeito. Era leal a seu modo, ainda que um tanto preguiçoso.

– Este lugar está morto – respondeu Toa baixinho. – Não vamos atracar aqui.

– Morto, senhor?

– Não há ninguém.

– Talvez eles estejam em algum tipo de reunião religiosa. As pessoas aqui do extremo sul têm seus costumes próprios.

– Não acho que seja isso.

Toa apontou para o cais com o dedo grosso e calejado. Uma placa tinha sido pregada na madeira. Nela estava pintado em preto um rabisco oval. Oito linhas pretas escorriam dele.

– Que Deus os proteja – sussurrou Crayton, tirando o gorro de tricô.

– Esse foi o problema: não protegeu.

Os dois ficaram olhando a placa. Não havia qualquer som, a não ser o vento frio que agitava o comprido casaco de lã e a barba de Toa.

– O que vamos fazer, senhor? – perguntou Crayton.

– Não vamos desembarcar, isso é certo. Diga aos vagas para lançarem âncora. Está ficando tarde. Não quero navegar por essas águas no escuro, por isso passa-

remos a noite aqui. Vamos voltar para o mar de manhã bem cedo e nunca mais chegaremos perto de Bleak Hope.



Partiram na manhã seguinte. Toa esperava chegar à ilha de Ermo dos Ventos em três dias e imaginava que os monges de lá teriam cerveja boa para vender, o suficiente para cobrir as despesas.

Foi na segunda noite que encontraram a clandestina. Toa foi acordado por batidas à porta de sua cabine.

– Capitão! – gritou Crayton. – Os homens encontraram... uma menininha.

Toa gemeu. Tinha tomado rum demais antes de ir dormir e a dor de cabeça já havia se instalado.

– Uma menina? – perguntou depois de um instante.

– Si-sim, senhor.

– Pelas águas do inferno – murmurou ele, saindo da rede.

Colocou uma calça úmida, o casaco e as botas. Uma mulher a bordo, mesmo uma menina, significava azar nessas águas do sul. Todo mundo sabia disso. Enquanto pensava em como se livrar da clandestina, abriu a porta e ficou surpreso ao ver Crayton sozinho, com o gorro de lã na mão.

– E então? Cadê a menina?

– Na popa, senhor.

– Por que não a trouxe?

– Nós... Bem, os homens não conseguem tirá-la da área de carga. Ela se escondeu lá.

– Não conseguem...?

Toa suspirou, imaginando por que ninguém tinha jogado logo a garota na água. Seus homens não eram de ficar frouxos por causa de uma menininha. Talvez uma reação ao que tinham encontrado em Bleak Hope. Talvez o terrível destino do povoado tivesse deixado seus homens temporariamente mais sensíveis.

– Ótimo – disse ele. – Me leve até a menina.

– Sim, senhor.

Crayton pareceu nitidamente aliviado por não ter levado uma bronca do capitão.

Toa encontrou seus homens reunidos em volta da área de carga. A portinhola estava aberta e eles olhavam para a escuridão lá embaixo, murmurando e fazendo sinais para rechaçar maldições. Toa pegou um lampião com um deles e apontou

a luz para o buraco, imaginando por que uma menininha deixava seus homens tão assustados.

– Olhe, garotinha. É melhor você...

Ela estava enfiada entre as pilhas de cabos grossos. Parecia imunda e faminta, mas, fora isso, era uma garota bastante normal, de uns 8 anos. Era até mesmo bonita, do jeito sulista, com pele clara, sardas e cabelo tão louro que parecia quase branco. Mas havia algo em seus olhos. Pareciam vazios, ou pior do que vazios. Eram poços de gelo que extinguíam qualquer calor que a pessoa tivesse. Eram olhos velhíssimos. Olhos que tinham visto demais.

– Nós tentamos tirá-la, capitão – disse um dos homens. – Mas ela não sai de jeito nenhum. Além disso, ela é...

– É – disse Toa.

Ele se ajoelhou perto da abertura e se obrigou a continuar olhando para a menina, mesmo querendo desviar os olhos.

– Qual é o seu nome, garota? – perguntou, agora muito mais baixo.

Ela apenas o encarou.

– Sou o capitão deste navio. Sabe o que isso quer dizer?

Lentamente, ela assentiu.

– Quer dizer que todo mundo neste navio precisa fazer o que eu mando. Isso inclui você. Entendeu?

Ela assentiu mais uma vez. Ele estendeu a mão morena e peluda para dentro do depósito.

– Agora, garota, quero que saia daí e segure a minha mão. Juro que não vai acontecer nada de ruim com você neste navio.

Por um longo momento nenhum dos dois se mexeu. Então, aos poucos, a garota estendeu a mãozinha e deixou que Toa a segurasse.



A menina estava agora na cabine de Toa. O capitão suspeitava que ela conseguiria falar se não houvesse uma dúzia de marinheiros com aparência rude a encarando. Deu-lhe um cobertor e um copo de rum quente. Sabia que rum não era o tipo de coisa que se dava às menininhas, mas era só o que tinha a bordo a não ser água, e a água era preciosa demais para desperdiçar.

Agora ele estava sentado diante de sua mesa, e ela, em seu catre, o cobertor enrolado com força em volta dos ombros, o copo de rum nas mãos minúsculas. A menina tomou um gole e Toa esperou que ela se encolhesse diante do sabor pungente,



mas ela apenas engoliu e continuou a espiá-lo com aquele olhar vazio, desolado, do azul mais frio que já vira, mais profundo que o próprio mar.

– Vou perguntar de novo, garota – disse ele, mas sua voz ainda era gentil. – Qual é o seu nome?

Ela apenas o encarou.

– Você... – Ele não podia acreditar que estava ao menos pensando isso, quanto mais perguntando. – Você é de Bleak Hope?

Então ela piscou, como se saísse de um transe.

– Bleak Hope. – Sua voz estava rouca pela falta de uso. – É, sou.

Algo no modo como ela falou fez Toa reprimir um tremor. A voz era tão vazia quanto os olhos.

– Como veio parar no meu navio?

– Isso aconteceu depois.

– Depois do quê?

Então ela o encarou e seus olhos não estavam mais vazios. Estavam cheios, tão cheios que o velho coração de Toa pareceu que iria se torcer feito um trapo em seu peito.

– Vou contar – disse ela, a voz tão úmida quanto os olhos. – Vou contar *apenas* ao senhor. Depois nunca mais vou falar isso em voz alta.



Ela estava escondida entre as pedras. Foi por isso que não a viram.

Amava as pedras. Grandes pedregulhos pretos e ásperos que podia escalar acima das ondas violentas. Sua mãe ficava aterrorizada com o modo como ela saltava de uma pedra para outra.

– Você vai se machucar!

E ela se machucava. Frequentemente. Os tornozelos e os joelhos viviam ralados e com cicatrizes das pedras cheias de gumes ásperos. Mas ela não se importava. Amava as pedras mesmo assim. Quando a maré baixava, elas tinham sempre tesouros na base, meio enterrados na areia acinzentada: cascas de caranguejo, ossos de peixe, conchas e, às vezes, se tivesse muita sorte, um pedaço de vidro marinho. Esses ela valorizava acima de todo o resto.

– O que é isso? – perguntou à mãe uma noite, as duas sentadas diante do fogo depois do jantar, aquecidas e bem-alimentadas com cozido de peixe.

Ela ergueu um pedaço de vidro marinho vermelho para a luz, de modo que a cor brilhou no piso de pedra da cabana.

– É vidro, minha gaivotinha – respondeu a mãe, os dedos trabalhando depressa, remendando uma rede de pesca para o pai. – Pedacos de vidro polidos pelo mar.

– Mas por que é colorido?

– Acho que é para ficar mais bonito.

– Por que *nós* não temos nenhum vidro colorido?

– Ah, é só uma bugiganga chique do norte. Não há utilidade para isso aqui.

Assim, ela amou o vidro marinho ainda mais. Colecionou-os até ter o suficiente para fazer um colar com um pedaço de corda de cânhamo. Deu de presente de aniversário ao pai, um pescador carrancudo que falava muito pouco.

Ele segurou o colar, analisando de maneira cautelosa os brilhantes pedacos vermelhos, azuis e verdes de vidro. Então fitou os olhos da filha e viu como ela estava orgulhosa, como ela amava aquele objeto. Seu rosto enrugado pelo trabalho sob o sol se abriu num sorriso e ele amarrou o colar com cuidado no pescoço. Os outros pescadores zombaram dele durante semanas, mas ele apenas tocava o vidro marinho com as pontas dos dedos calejados e sorria.

Quando *eles* vieram naquele dia, a maré havia acabado de baixar. Ela estava procurando novos tesouros na base das pedras. Tinha visto o topo dos mastros do navio a distância, mas estava concentrada demais na busca por vidro marinho para se preocupar com aquilo.

Só notou como o navio era estranho quando finalmente se sentou em uma pedra para examinar a coleção de conchas e ossos. Era grande e bojudo, com três velas e portinholas de canhões por todo o costado. Muito diferente dos navios mercantes. Não gostou nem um pouco da aparência. E isso foi antes de notar a grossa nuvem de fumaça que surgia de seu povoado.

Correu em direção às casas. Suas pernas magricelas agitavam a areia e o mato alto enquanto cortava caminho por entre árvores retorcidas. Se houvesse um incêndio, sua mãe não se incomodaria em salvar os tesouros guardados no baú de madeira embaixo de sua cama. Era só nisso que conseguia pensar. Tinha passado tempo demais coletando os tesouros para perdê-los. Era o que tinha de mais precioso. Pelo menos pensava assim.

Enquanto se aproximava do povoado, viu que o incêndio tinha se espalhado por todas as casas. Havia homens desconhecidos com uniformes brancos e dourados, elmos e peitorais de metal. Imaginou se seriam soldados. Mas os soldados supostamente protegiam as pessoas, não? Aqueles homens estavam arrebanhando todos até o centro da aldeia, brandindo espadas e armas de fogo.

Ela parou bruscamente ao ver as armas. Em toda a sua vida, só tinha visto uma

arma de fogo. Era de Shamka, o ancião do povoado. Todo inverno, na véspera do ano-novo, ele a disparava em direção à lua, a fim de acordá-la do sono e trazer o sol de volta. As armas daqueles soldados pareciam diferentes. Além do cabo de madeira, do cano de ferro e do percussor, tinham um cilindro redondo.

Estava tentando decidir se chegava mais perto ou se fugia e se escondia, quando Shamka saiu de sua cabana, soltou um berro furioso e disparou sua arma contra o soldado mais próximo, que caiu de costas na lama. Um dos outros soldados ergueu a pistola e atirou em Shamka, mas errou. O ancião deu uma gargalhada de triunfo. Mas então o intruso disparou uma segunda vez sem recarregar. O rosto de Shamka exibiu surpresa enquanto ele levava a mão ao peito e tombava.

A garota quase gritou, mas mordeu o lábio com força e, em seguida, se abaixou no mato alto. Ficou escondida no campo frio e lamacento durante horas. Precisou trincar o maxilar para os dentes não baterem. Ouviu os soldados berrando uns com os outros, estranhos sons de marteladas e ruídos de tapas. Ocasionalmente ouvia um dos aldeões implorar, querendo saber o que tinham feito para desagradar ao imperador. A única resposta era a violência.

Quando tudo ficou escuro e os incêndios haviam se apagado, ela moveu os membros entorpecidos para se agachar e olhar de novo. No centro da cidade, uma enorme tenda de lona marrom tinha sido montada, no mínimo cinco vezes maior do que qualquer casa da aldeia. Os soldados estavam ao redor dela, segurando tochas. Ela não via os outros aldeões em lugar nenhum. Cautelosamente, a menina se esgueirou mais para perto.

Um homem alto, usando uma capa branca comprida com capuz, estava lá. Ele segurava uma grande caixa de madeira e entrou na tenda acompanhado por um soldado. Alguns instantes depois, os dois saíram, mas o homem não estava mais com a caixa. O soldado deixou a tenda aberta, depois cobriu a entrada com uma rede tão fina que nem o menor pássaro poderia atravessar.

O homem de capa tirou um caderno do bolso. Ele se sentou a uma mesa e um soldado lhe entregou pena e tinta. O homem começou a escrever imediatamente, parando com frequência para olhar pela rede para dentro da tenda.

Gritos começaram a vir lá de dentro. Eram os aldeões. Não sabia por que eles berravam, mas isso a deixou tão aterrorizada que ela se deitou de novo na lama e manteve as mãos cobrindo os ouvidos para abafar o som. Os gritos duraram apenas alguns minutos, mas muito tempo se passou até ela se obrigar a olhar de novo naquela direção.

O mundo agora era breu, a não ser por um lampião na entrada da tenda. Os soldados tinham ido embora e restava apenas o homem com capa, ainda escrevendo em

seu caderno. Ocasionalmente ele olhava para dentro da tenda, conferia seu relógio de bolso e franzia a testa. Ela se perguntou onde os soldados estariam, mas depois notou que o estranho navio bojudo atracado no cais estava iluminado. Quando se esforçou para escutar, pôde perceber o som de vozes masculinas fazendo arruaça.

A garota rastejou pelo mato alto, distanciando-se do homem e seguindo em direção à lateral da tenda. Ele parecia tão concentrado na escrita que ela poderia ter andado que ele não notaria. Mesmo assim, o coração dela disparou enquanto se arrastava pelo pequeno trecho de terreno aberto entre o mato alto e a parede da tenda. Quando finalmente a alcançou, descobriu que a base tinha sido presa com estacas, e estava tão esticada que ela precisou arrancar várias antes de conseguir passar por baixo.

Estava mais escuro ainda do lado de dentro, o ar era denso e quente. Todos os aldeões estavam no chão, de olhos fechados, acorrentados uns aos outros e aos grossos mastros da tenda. No centro estava a caixa de madeira sem a tampa. Espalhadas no chão havia vespas mortas, grandes como pássaros.

Longe, no canto, viu sua mãe e seu pai, imóveis como todos os outros. Foi rapidamente até eles, o medo intenso tomando conta de seu estômago. Viu o pai se mexer debilmente e o alívio a inundou. Talvez ainda pudesse salvá-los. Sacudiu a mãe, mas ela não reagiu. Sacudiu o pai, mas ele apenas gemeu, com os olhos fechados.

Procurou em volta, tentando ver se conseguia afrouxar as correntes. Houve um zumbido alto perto do ouvido. Ela se virou e viu uma vespa gigante pairando acima de seu ombro. Antes que o inseto pudesse picá-la, uma mão passou pela frente de seu rosto e deu um tapa no bicho. A vespa girou loucamente, com uma asa quebrada, depois caiu no chão. Ela se virou e viu o pai com o rosto retorcido de dor.

Ele agarrou seu pulso.

– Vá! – grunhiu ele. – Fuja.

Em seguida a empurrou com tanta força que ela caiu para trás e o encarou, aterrorizada. Queria fazer alguma coisa para que aquela medonha expressão de dor sumisse do rosto dele. À sua volta, outras pessoas se mexiam, os rostos expressavam a mesma agonia do pai.

Então viu o colar de vidro marinho se mover de forma esquisita. Olhou mais de perto. Aconteceu de novo. Seu pai arqueou as costas. Os olhos e a boca se escancararam, como se ele estivesse gritando, mas só saiu um gorgolejo úmido. Um verme branco, grosso feito um dedo, saiu do pescoço dele. O sangue escorreu enquanto outros vermes saíam do peito e da barriga.

Sua mãe acordou ofegando, os olhos se revirando de um jeito insano. Sua pele já estava se remexendo. Ela estendeu a mão e chamou pela filha. Os outros

aldeões se debatiam contra as correntes enquanto os vermes se libertavam. Em pouco tempo o chão estava coberto com uma massa branca que se retorcia.

Ela queria fugir. Em vez disso, segurou a mão da mãe e a viu se contorcer em espasmos enquanto os vermes a comiam por dentro. Não se mexeu, não afastou os olhos até que a mãe ficou imóvel. Só então se levantou com dificuldade, passou por baixo da parede da tenda e correu de volta para o mato alto.

Ficou olhando de longe enquanto os soldados voltavam ao alvorecer, com grandes sacos de aniagem. O homem de capa entrou na tenda de novo, depois retomou seu lugar e escreveu mais no caderno. Fez esse vaivém mais duas vezes, e então conversou com um soldado, que confirmou com a cabeça, fez um sinal e o grupo com os sacos entrou na tenda. Quando saíram, tempos depois, os sacos estavam cheios de coisas que se mexiam, e ela supôs que fossem os vermes. Eles os carregaram para o navio enquanto os soldados restantes desmontavam a tenda, expondo os corpos lá dentro.

O homem de capa supervisionava enquanto os soldados soltavam as correntes da pilha de cadáveres. No tempo em que ele ficou ali parado, a menininha gravou seu rosto na memória. Cabelo castanho, queixo pequeno, rosto pontudo parecendo um rato, com uma cicatriz de queimadura na bochecha esquerda.

Por fim, eles partiram em seu grande navio, deixando uma placa estranha presa no cais. Quando não estavam mais à vista, ela se esgueirou de volta para a aldeia. Demorou muitos dias. Talvez semanas. Mas enterrou todos.



O capitão Sin Toa olhou para a menina. Durante a narrativa, a expressão dela havia permanecido aterrorizada, com os olhos arregalados. Mas agora se acomodava de novo no vazio gélido que ele vira quando a atraíra para fora da área de carga.

- Há quanto tempo foi isso? – perguntou ele.
- Não sei.
- Como você chegou a bordo? Nós não atracamos.
- Eu nadei.
- É uma grande distância.
- É.
- E o que eu deveria fazer com você agora?

Ela deu de ombros.

- Um navio não é lugar para uma menininha.
- Preciso continuar viva. Para encontrar aquele homem.
- Você sabe quem era? O que significava a placa?

Ela balançou a cabeça.

– Aquilo era o brasão dos biomantes do imperador. Você não tem a mínima chance de chegar perto daquele homem.

– Vou chegar – disse ela baixinho. – Algum dia. Nem que eu leve a vida toda. Vou encontrá-lo. E matá-lo.



O capitão Sin Toa sabia que não podia deixá-la a bordo. As donzelas, até mesmo as de 8 anos, poderiam atrair a atenção das serpentes marinhas naquelas águas. A tripulação se amotinaria diante da ideia de manter uma menina no navio. Mas ele não queria jogá-la na água nem abandoná-la em uma rocha. Quando atracaram no dia seguinte, em Ermo dos Ventos, procurou o chefe da ordem dos vinchen, um monge velho e encarquilhado chamado Hurlo.

– A menina passou por coisas que eu não desejaria nem para o meu pior inimigo – disse ele. Os dois conversavam no pátio do mosteiro. – Ela teve a vida devastada pela violência. Talvez a única opção seja uma vida monástica.

Hurlo ocultou as mãos nas mangas de seu manto preto.

– Simpatizo com a situação, capitão. De verdade. Mas a ordem dos vinchen é somente para homens.

– Mas sem dúvida vocês poderiam ter uma serviçal. Ela é camponesa, acostumada ao trabalho duro.

Hurlo assentiu.

– Poderíamos. Mas o que acontecerá quando ela chegar à idade de começar a florescer? Vai se tornar uma enorme distração para meus irmãos, particularmente os mais jovens.

– Então permita que ela fique até lá. Pelo menos vocês a terão abrigado durante alguns anos. Mantenha-a viva para que ela encontre seu próprio caminho.

Hurlo fechou os olhos.

– Não vai ser uma vida fácil para ela aqui.

– Não sei o que ela faria com uma vida fácil se o senhor lhe desse uma.

Hurlo olhou para Toa. Para surpresa do capitão, ele sorriu de repente, com os velhos olhos brilhando.

– Vamos pegar essa criança sofrida que o senhor encontrou. Um pouco de caos na ordem provoca mudanças. Talvez para melhor.

Toa deu de ombros. Nunca havia entendido completamente Hurlo nem a ordem vinchen.

- Se o senhor diz, grão-mestre...
  - Qual é o nome da criança?
  - Por algum motivo ela não quis me dizer. Acho até que ela não se lembra.
  - Então como vamos chamar essa criança nascida de um pesadelo? Somos dois guardiões estranhos, mas teremos que lhe dar um nome.
- O capitão Sin Toa pensou por um momento, cofiando a barba.
- Talvez o nome da aldeia de onde veio, à qual ela sobreviveu. Para manter algo em sua memória, pelo menos. Bleak Hope. “Triste esperança”.
  - É apropriado. Traga a jovem Hope para cá.

## 2

**S**adie estava bêbada naquela noite. Bêbada demais para voltar para a cama. Mas também não poderia ficar onde estava.

- Vou fechar o bar, Sadie – avisou Madge Suspensórios.

Sadie a encarou, lutando contra a visão embaralhada. Madge era a leoa de chá-cara e a responsável por manter a ordem na taverna Rato Afogado. Tinha mais de 1,80 metro e ganhara o apelido porque era tão grande que precisava usar suspensórios para manter as saias no lugar.

Madge era uma das pessoas mais temidas e respeitadas nos bairros pobres de Nova Laven. Por toda a região de Círculo do Paraíso, Costas de Prata e Ponta do Martelo era sabido que ela mantinha a ordem em sua taverna. Qualquer um idiota ou imprudente a ponto de provocar encrenca teria a orelha arrancada, seria proibido de entrar no estabelecimento e marcado pela vergonha pelo resto da vida. Madge exibia sua coleção de orelhas em pequenos potes de conserva atrás do balcão.

- Sadie – disse Madge. – É hora de ir.

Sadie assentiu e se levantou cambaleando.

- Você tem onde ficar? – perguntou Madge.

Sadie balançou a mão enquanto arrastava os pés pelo piso coberto de serragem.

- Posso cuidar de mim mesma.

Madge deu de ombros e começou a colocar as cadeiras em cima das mesas.

Sadie saiu cambaleando do Rato Afogado. Examinou o quarteirão procurando algum conhecido que pudesse recebê-la durante a noite, franzindo os olhos sob a luz fraca dos lâmpões tremeluzentes. A rua estava praticamente vazia, o que significava que a polícia já havia passado ou estava a caminho.

– Pelo mijo do diabo! – xingou, coçando o cabelo sujo e embolado.

Seguiu pela rua arrastando os pés até ver a placa de uma estalagem chamada Mãe do Marinheiro. O lugar era uma notória casa de alistamento, mas ela era Sadie Cabra, conhecida no Círculo do Paraíso, em Costas de Prata e na Ponta do Martelo como uma das mais talentosas ladras, mercenárias e arruaceiras que ainda respiravam. Tinha uma grande reputação. Ninguém seria idiota a ponto de tentar sulizá-la.

Foi oscilando insegura até a estalagem, onde pediu um quarto para passar a noite. O estalajadeiro, um gafa magro e cheio de papadas chamado Backus, a olhou com ar avaliador.

– Nada de tramoias – disse ela, cutucando a testa dele com o dedo, imprimindo força suficiente para marcá-la.

– Naturalmente não. – Backus deu um sorriso empapuçado. – Eu mesmo cuidarei de você. Não quero que haja nenhum mal-entendido.

– Tá ensolarado. Vamos então, estalajadeiro.

Backus a levou pela escada de madeira quebrada e seguiram por um corredor sujo que ecoava com risos, soluços e algum sacana tocando rabeça nessa hora ingrata. Backus destrancou a última porta à esquerda e Sadie passou por ele, indo em direção ao colchão imundo no chão.

– Quer que eu traga alguma coisa para beber antes de dormir? – perguntou Backus.

– Isso seria muito ensolarado de sua parte, Backus. Talvez eu tenha me enganado a seu respeito.

– Aposto que sim – disse Backus, abrindo um sorriso.

Sadie se deixou mergulhar no colchão, sem se incomodar em tirar as saias, as botas ou as facas. Olhou o teto rachado girar desagradavelmente por alguns minutos até Backus voltar com uma caneca fria cheia de alguma coisa boa. Se não estivesse tão bêbada, teria sentido o leve cheiro de rosa preta antes de tomar um gole. Mas acabou bebendo o líquido de uma vez.

Alguns minutos depois, tudo ficou escuro.



Quando acordou, não estava mais no colchão. Percebeu que estava deitada de bruços num piso de madeira. Demorou um segundo até notar que o convés balançava para trás e para a frente. Um pequeno fecho de sol vinha por uma janela redonda e iluminava apenas o suficiente para ela ver que era o porão de um navio.

– Pelo mijo do diabo!



Lutou para se levantar, mas as mãos e os pés estavam atados com uma corda suja, de modo que o máximo que conseguia era ficar sentada. Tentou desamarrar os pulsos, mas era difícil naquele ângulo, e o tipo de nó de marinheiro era tão surpreendentemente complexo que ela nem sabia por onde começar.

Recostou-se em alguma coisa que soltou um leve grunhido. Virou-se e viu um garoto ao lado, também amarrado com cordas. Estava maltrapilho e imundo, provavelmente algum moleque de rua que fora apanhado como ela.

- Ei, garoto! - Ela o cutucou com força nas costelas com o cotovelo. - Acorda!
- Me larga, Rolha - murmurou o garoto. - Não tenho nada pra você.
- Ô, imbecil! - Ela o cutucou de novo. - Nós fomos sulizados!
- O quê?

Os olhos do garoto se abriram. Eram de um vermelho intenso, como rubis. Sinal de uma criança nascida de mãe viciada em especiaria coral, uma droga muito forte e que devorava lentamente o cérebro. A maioria das crianças que nascia dependente de coral não passava do primeiro mês de vida. Sadie achou que existia algo escondido nesse moleque para ter sobrevivido. Bem escondido, porque ela não conseguia ver. O garoto estava balbuciando e ganindo feito um cachorrinho espancado. Lágrimas escorriam de seus olhos vermelhos, encobertos por cabelos castanhos desgrehados.

- O-Onde estou? O q-que aconteceu?
- Já falei, não falei? Nós fomos sulizados.
- O q-que isso significa?
- Você caiu da xota, por acaso? Nunca ouviu falar em sulizar? Como é que você vive na rua e não sabe de uma coisa dessas?

O lábio do garoto estremeceu como se ele fosse dar início a uma nova torrente de lágrimas. Mas surpreendeu-a inspirando trêmulo e dizendo:

- Eu só fui para a rua há um mês. Não sei muita coisa. Então, por favor, dona, por favor, diga o que está acontecendo.

Ela o encarou, e talvez fosse o primeiro sinal do amolecer da idade se estabelecendo. Mas, em vez de rir ou cuspir, ela apenas suspirou.

- Qual é o seu nome, garoto?
- Rixidenteron.
- Pelo mijo do diabo, que nome feio!
- Minha mãe era pintora. Ela me deu esse nome por causa do grande pintor romântico lírico Rixidenteron III.
- Então sua mãe morreu?
- É.

Ficaram quietos por um minuto, com apenas uma fungada ocasional do garoto e o sibilo fraco quando a proa rompia a água. Deviam estar viajando a uma velocidade considerável.

– Então é o seguinte... – disse Sadie, por fim. – Estamos a bordo de um navio que vai para as ilhas do sul. Fomos recrutados à força. Eles vão deixar a gente aqui um tempo, para amolecer, depois vão descer, talvez sangrar a gente um pouquinho para deixar claro que estão falando sério. Em seguida vão mandar escolher: entrar para a tripulação ou ser declarado clandestino e lançado ao mar.

Os olhos do menino se arregalavam cada vez mais.

– Mas... – Seu lábio estremeceu de novo. – Mas eu não sei nadar.

– Essa é a ideia. Mesmo se você soubesse nadar, estaríamos tão longe da costa que você jamais chegaria até lá. Teria que escapar dos tubarões, das focas e...

– Eu... eu não quero ir para as ilhas do sul – choramingou ele. – Dizem que lá é cheio de monstros, que não tem comida nem luz e ninguém nunca volta! A gente vai... ficar lá... *para sempre!*

A voz saía em espasmos enquanto ele era dominado pelo choro.

Sadie tinha ouvido mais do que o suficiente. Pensou em lhe dar um belo chute na cara. Isso iria fazê-lo se calar. Duvidava de que ele fosse de muita ajuda quando escapasse. Ele nem era um verdadeiro vaga de rua. Era o filho de uma artista, provavelmente mamou na teta até os 5 anos. Ela não fazia ideia de como ele tinha conseguido sobreviver um mês nas ruas.

Mas *tinha* sobrevivido. E não parecia estar passando fome. Portanto devia haver alguma coisa nele. Imaginou o que seria. O choro do menino tinha se reduzido a fungadas. Para fazê-lo parar com aquele som irritante, ela disse:

– Então, Rixi sei lá o quê, como era a sua mãe? O que aconteceu com ela?

Ele deu uma última fungada e enxugou os olhos vermelhos e lacrimejantes no ombro.

– Quer mesmo saber?

– Claro que quero – respondeu ela, acomodando as costas num saco de batatas e ficando o mais confortável que podia com os pulsos e os tornozelos amarrados.

Talvez se passassem horas até que alguém viesse ao porão e ela pudesse agir. A história pavorosa do filho de uma artista era melhor do que nada.

– Está bem. – A expressão dele estava séria. – Promete que não contará minha história para ninguém?

– Juro pelo pau roxo do meu pai – disse Sadie.



A mãe de Rixidenteron, Gulia Pastinas, vinha de uma das famílias que moravam no extremo norte de Nova Laven, longe da sujeira e da violência do Círculo do Paraíso, de Costas de Prata e da Ponta do Martelo. Era a segunda filha, bastante bonita, mas tão voluntariosa e independente que seu pai desistiu da ideia de casá-la. Como as famílias ricas não gostavam de deixar as mulheres trabalharem, ele teria que sustentá-la.

Ficou empolgado quando ela disse que iria se juntar a um grupo de artistas em Costas de Prata. Na época, era chique os filhos das famílias ricas fazerem contato com a cultura boêmia. Ele imaginava que seria apenas isso. Uma bela folga de sua menina problemática.

O que ele não podia imaginar era que Gulia era uma artista tremendamente talentosa e nunca mais voltaria para casa. Primeiro porque estava ocupada demais sendo a queridinha da comunidade artística do centro de Nova Laven. E mais tarde porque estava muito doente para voltar. Não que ela teria retornado, mesmo se pudesse.

O pai de Rixidenteron era um prostituto, descendente de uma longa linhagem de prostituição. Jamais lhe ocorreu que houvesse algum problema com sua profissão até ele conhecer uma linda artista de olhos escuros que, depois de falar com ele durante dez minutos, declarou que ia salvá-lo de sua vida de sofrimentos. Ela estava animada com a venda de um novo lote de pinturas e sua ousadia se devia ao vício recém-adquirido em especiaria coral. Levou-o para casa naquela noite e insistiu que ele abandonasse a vida no comércio do sexo. Ele respondeu com seu sorriso suave e caloroso e assentiu de modo afável, tão fascinado com o charme e a paixão intensa da pintora que teria feito praticamente qualquer coisa que ela pedisse.

Ela pintava e ele ficava responsável pela casa, e durante um tempo foram felizes. Então Rixidenteron nasceu e tudo mudou. O bebê tinha os reveladores olhos vermelhos de uma criança viciada em coral, e os amigos declaravam que ele não duraria mais de uma semana. Mas talvez o menino tivesse alguma força escondida. Ou talvez fosse porque os pais passavam cada instante em que estavam acordados cuidando dele, fazendo todo o possível para mantê-lo vivo. Ficavam sem comida para pagar os remédios que a irmã dela trazia da botica no norte da cidade. A situação ficou tão ruim que o pai de Rixidenteron sugeriu voltar ao próprio trabalho. Mas ela recusou e, em vez disso, pintava tanto e tão intensamente que suas mãos estavam sempre manchadas de tinta. Anos mais tarde, os críticos de arte diriam que essa foi a sua melhor fase.

Assim, contra todas as chances, Rixidenteron sobreviveu. Quando eles comemoraram seu primeiro aniversário, acharam que o pior havia passado.

Só que as tintas da mãe continham uma toxina de água-viva, inofensiva em pequenas doses, mas que vinha penetrando na pele durante anos e estava começando a atacar seus nervos. Com isso e o vício em coral, ficava cada vez mais difícil pintar. Quando Rixidenteron fez 2 anos, ela não conseguia mais segurar o pincel com firmeza. De novo o pai se ofereceu para voltar ao trabalho. E, mais uma vez, ela recusou. Em vez disso, ensinou Rixidenteron a pintar para ela, usando um par de luvas de couro para que o menino não tivesse o mesmo destino. Quanto tinha 4 anos, ele era capaz de criar qualquer imagem com precisão espantosa. Rixidenteron pincelava as telas durante horas enquanto a mãe ficava deitada no velho sofá azul do apartamento, as mãos trêmulas cobrindo os olhos. Ela sussurrava as imagens que surgiam em sua cabeça. E ele as tornava reais.

Rixidenteron adorava esse tempo que passavam juntos e se orgulhava de ajudar a mãe, a grande pintora, com sua arte. Mas, à medida que o tempo passava, a coisa ficou mais difícil. Em vez de afastá-la do vício em coral, a doença de Rixidenteron e a subsequente enfermidade dela a levaram mais para o fundo do poço. A partir dos 6 anos do menino, as descrições dela não faziam mais sentido e ele criava a maior parte das imagens. Porém, ainda que tivesse a destreza da mãe, não tinha sua visão. E as pinturas deixavam isso evidente. Para os críticos, era o fim da artista.

Dessa vez o pai não pediu permissão. Simplesmente voltou a trabalhar. Estava mais velho e a vida tinha cobrado um preço alto, mas ainda era razoavelmente bonito e capaz de ganhar dinheiro suficiente para comprar, no anonimato, os quadros de sua amada. Por isso ela continuava a achar que sustentava a família. Rixidenteron sabia da verdade, mas, quando juntou coragem para contar, ela estava chapada demais para entender o que ele dizia. Pelo menos foi o que pareceu. Na noite em que ele contou, ela teve uma overdose de especiaria coral e morreu.

Durante um tempo, Rixidenteron e o pai continuaram a viver do mesmo modo. No fim de mais um ano, o pai tinha ficado magro e pálido. Rixidenteron não sabia se era pela doença ou pela perda de sua mãe. De qualquer modo, o pai não parecia interessado em melhorar.

Faltando uma semana para seu oitavo aniversário, Rixidenteron descobriu que o pai tinha morrido enquanto dormia. Limpou a bosta e o sangue do corpo dele, queimou a roupa de cama e saiu.



– Mas como você viveu nas ruas? – perguntou Sadie. – Como, por todos os infernos, você sobreviveu quando obviamente não sabia nada sobre o mundo?

Ele deu de ombros.

– Conheci outros garotos e eles me deixaram ficar. Sou bom em pegar coisas.

– Como assim?

– Minhas mãos são rápidas, talvez por ter pintado tanto, não sei. Mas pegar carteiras, relógios e coisas assim é fácil para mim. As pessoas nunca notam.

Os olhos de Sadie brilharam.

– Esse é um dom raro e útil. – Ela olhou o nó complexo que mantinha suas mãos juntas. – Imagino se essas mãos não conseguem desfazer isso aqui.

– Provavelmente conseguem.

– Mesmo amarradas?

– Posso tentar.

– Por que não tenta?



Quando um marinheiro finalmente desceu ao porão para dar uma olhada nos dois, o sol tinha se posto e apenas um fraco luar se derramava pela escotilha. Eles ouviram o marinheiro antes de vê-lo, as botas batendo nos degraus íngremes enquanto ele murmurava sozinho.

– Mulheres e crianças como tripulantes... Que viagem desgraçada vai acabar sendo!

Era um gafa velho, com fios brancos salpicando o cabelo e a barba pretos e se-bentos. Usava um suéter de lã esticado pela pança enorme e mancava um pouco. Sadie e o menino estavam sentados lado a lado no chão, com a corda aparentemente enrolada nos pulsos. Ela forçou o rosto a permanecer inexpressivo enquanto o marinheiro a encarava com os olhos franzidos e remelentos de bebida.

– Escutem, vocês dois – disse ele. – Vocês vieram como voluntários forçados para trabalhar na tripulação deste navio aqui, o *Vento Selvagem*. Se obedecerem às ordens e fizerem o que o capitão e eu mandarmos, vão poder ir embora quando voltarmos ao porto em Nova Laven. Até podemos pagar por seus serviços. Se não obedecerem às ordens, vão ser açoitados até quase caírem mortos. É assim que funcionam as coisas aqui. – Ele deu um tapa com sua manzorra no rosto de Sadie, com tanta força que o lábio dela se partiu. – Vai ser assim. Só que muito pior. Deu pra entender?

Sadie sorriu, deixando o sangue escorrer pela lateral da boca.

– Sabe por que me chamam de Sadie Cabra?

Ele se inclinou perto, o hálito fedendo a rum.

– Por causa da barba?

Ela deu uma cabeçada na cara dele. Enquanto o homem a encarava boquiaberto, com o sangue jorrando do nariz quebrado, ela sacudiu a corda que estava enrolada frouxamente nos pulsos, tirou a adaga da bota e a cravou na garganta dele. Torceu devagar a lâmina na carne e ele começou a ter convulsões, o sangue espirrando em seu rosto. Depois ela moveu a lâmina de maneira brusca, abrindo um talho vertical no pescoço que desceu até a clavícula. Tirou a faca e deixou o corpo estrebuchante cair no chão.

Limpou o rosto com a manga da blusa, depois se inclinou e desembainhou a espada do marinheiro.

– Aqui. – Entregou a adaga ao garoto. – Deve haver mais deles lá em cima. Talvez a gente precise matar todos.

O garoto ficou olhando a lâmina em sua mão, ainda úmida de sangue.

– Olhe para mim quando estiver falando com você – ordenou Sadie.

Como ele não respondeu, ela lhe deu um tapa na nuca. Ele piscou, meio desnorteadado.

– Red. Esse é o seu nome agora, por causa desses olhos vermelhos. Se eu fosse chamar você pelo nome de verdade, estaria morta antes de terminar. Você é meu ajudante agora. Tá ensolarado?

Os olhos do garoto se arregalaram e ele assentiu.

– Agora vamos explicar àqueles gafas lá em cima que não estamos interessados em ser sulizados.

Estava escuro no convés, só era possível ver um fragmento de lua. O marinheiro de vigia no convés ficou tão surpreso ao vê-los que ela cravou a espada no olho dele antes que o gafa pudesse dizer ao menos uma palavra. Ele caiu estrebuchando e Sadie demorou um momento para arrancar a espada do seu crânio. A maior parte dos marinheiros estava bêbada, dormindo ou as duas coisas. Sadie não se importou. Era isso que eles mereciam. Não era uma espadachim, por isso foi cortando e furando de qualquer jeito enquanto passavam pelo navio. Quando chegaram à cabine do capitão, ela ofegava, o braço doía e estava coberta com o sangue de seis homens. A porta da cabine estava trancada, por isso ela bateu na madeira com o cabo da espada.

– Saia, seu lixo!

– Sadie! – exclamou a voz aguda de Red.

Ela se virou bem a tempo de ver um homem com um chapéu de aba larga a

uns 3 metros de distância, apontando uma pistola em sua direção. Mas em vez de disparar, a arma caiu de sua mão. O cabo de uma adaga se projetava em seu peito. A mão de Red estava vazia.

O garoto deu um sorriso meio sem graça, os olhos cor de rubi brilhando ao luar.

– Eu estava mirando a arma.

Sadie riu e deu um tapa nas costas dele.

– Muito bem, Red. Sabia que você tinha alguma fibra por baixo de toda essa moleza. Agora vamos virar essa banheira e voltar para Nova Laven. Tem um gafa lá que precisa que lhe expliquem muito direitinho e devagar que *ninguém* suliza Sadie Cabra.



Levar o barco de volta para o centro de Nova Laven foi complicado, já que nenhum dos dois sabia o que estava fazendo. Mas o vento estava a favor e eles acabaram chegando ao cais. Provavelmente teriam se chocado contra as docas, mas por sorte Sadie conhecia alguns vagas do porto que os ajudaram a conduzir a embarcação sem afundar nem abalroar ninguém.

Sadie deu um grunhido rápido de agradecimento aos marinheiros e desceu para o cais, com o sabre sujo de sangue ainda na mão. Red a acompanhou, ansioso para ver como a nova heroína colocava sua vingança em ação.

Era cedo demais para Backus estar trabalhando na estalagem Mãe do Marinheiro, por isso Sadie foi para o Rato Afogado. Quando chegaram à taverna, ela escancarou a porta.

– Backus! Seu verme de cu ardiloso!

Backus levantou o rosto fino e empapuçado da caneca de cerveja e olhou para o outro lado da taverna. Todos os fregueses do Rato Afogado ficaram quietos e os olhares saltaram dele para Sadie, e de volta.

– Ora, se não é Sadie Cabra. – Seu tom calmo pareceu forçado. – Não esperava ver você de novo. É horrorosa demais até para os marinheiros?

– Um horror vai ficar é a sua cara depois que eu acabar com você.

Então Sadie levantou a espada e atacou.

A princípio Backus pareceu incrédulo. Todo mundo sabia que não era permitido provocar encrenca no Rato Afogado. Mas, à medida que ela chegou perto, sua expressão passou a ser de pavor.

Madge Suspensórios se levantou, surgindo do nada, e agarrou o braço de Sadie que segurava a espada. Puxou com força suficiente para tirar Sadie do chão, com

um rosnado surgindo de seus lábios grossos. Bateu com força a mão de Sadie sobre a mesa mais próxima, fazendo as canecas de cerveja voarem e obrigando-a a soltar a espada.

– Você sabe que não deve provocar encrenca aqui, Sadie. – A voz era um rosnado gutural.

– Ele tem que saber! – berrou Sadie, tentando soltar a mão do aperto de ferro de Madge. – Ninguém tenta sulizar Sadie Cabra e continua vivo!

– Eu entendo – retrucou Madge. – Ao mesmo tempo, *ninguém* tem a permissão de criar zona no *meu* bar. Agora se manda daqui.

Todo mundo sabia que Madge gostava de Sadie. Ela estava lhe dando uma saída. Sadie poderia ter aproveitado e tudo acabaria por aí. Mas não aproveitou.

– *Não até eu mostrar a todos eles!*

Então ela saltou na direção de Backus com uma força súbita.

Madge Suspensórios apenas grunhiu. Com a mão ainda segurando o pulso de Sadie, ela a puxou de volta, agarrou sua cabeça com a outra mão, inclinou-se e, com um som úmido e um jato de sangue, arrancou a orelha de Sadie com os dentes.

O uivo que saiu da garganta de Sadie foi suficientemente alto para chacoalhar os copos atrás do balcão. Era uma mistura de fúria e dor. Sadie apertou o lado sangrento da cabeça. Madge segurou a orelha entre os dentes, junto com um tufo de cabelo que tinha ficado no caminho. Sadie saiu correndo do bar, sufocando os soluços de vergonha.

Todos os olhares estavam fixados em Madge enquanto ela andava calmamente até o balcão, pegava um frasco vazio, cuspiu a orelha dentro e o acrescentava ao resto da coleção.

Red viu a espada sangrenta de Sadie ainda na mesa. Não sabia o que iria acontecer em seguida, mas com certeza Sadie precisaria daquela espada. Correu pela taverna justo quando Backus estava se virando para a arma. Red a agarrou antes que Backus pudesse levantar a mão. Depois saiu correndo da taverna atrás de Sadie.

Encontrou-a cambaleando na direção do cais. Ela estava xingando e chorando, segurando a lateral da cabeça, o sangue escorrendo entre os dedos.

– O que aconteceu? – A voz dele estava esganiçada.

– Acabaram comigo – choramingou ela. – Sadie Cabra, envergonhada na frente de todos. Minha orelha agora faz parte da coleção da Madge Suspensórios. Nunca mais posso colocar os pés lá.

– O que vamos fazer agora?

– Nós? – rosnou ela. – O que *nós* vamos fazer?



Ela parecia a ponto de lhe dar um soco. Mas então parou e ficou imóvel, franzindo a testa.

– Nós – disse de novo, agora um pouco mais baixo.

Olhou para o cais. O *Vento Selvagem* ainda estava onde o haviam deixado. Ela sorriu para Red.

– Nós vamos iniciar um novo empreendimento, meu melhor vaga. Quem precisa da imundície do Círculo do Paraíso, de Costas de Prata ou da Ponta do Martelo quando tantos outros lugares interessantes esperam por nós, implorando para ser saqueados? Sadie Cabra pode estar acabada. Mas Sadie, a Rainha Pirata, está apenas começando.

### 3

O litoral de Ermo dos Ventos era repleto de rochas pretas e ásperas, desgastadas pelo choque constante das ondas gélidas. Mais para o interior da ilha o solo era duro, porém, quando revirado de maneira adequada, tornava-se rico e fértil a ponto de produzir uma abundância de colheitas, particularmente de cevada e lúpulo, que os monges vinchen usavam para fazer a cerveja marrom valorizada em todo o império.

A maior parte da ilha era dedicada à agricultura, mas no centro ficava o mosteiro vinchen, construído séculos antes com a pedra preta da ilha pelos discípulos de Manay, o Verdadeiro, um dos grão-mestres mais sábios da história do império. As longas construções retangulares formavam um grande quadrado fechado em volta de um pátio, e no centro ficava o templo. O lado sul do mosteiro continha os alojamentos comunitários dos monges, e uma moradia separada, mas humilde, para o grão-mestre. O lado norte continha a cozinha, e o lado leste, a cervejaria.

O grão-mestre Hurlo tinha visto muitos meninos chegarem ao portão de ferro preto do mosteiro com expressão de horror nos olhos. A maioria era rica, mimada e provavelmente mandada para ser um vinchen porque os pais achavam difícil controlá-los em casa. Hurlo se lembrava de um tempo em que era desejável ser vinchen. Até mesmo chique. Mas os que eram trazidos a ele agora demoravam anos para apreciar o que os outros monges jurados tentavam lhes dar.

Mas não sabia o que esperar da garota. Ela era algo completamente novo, tanto para ele quanto para a ordem. O capitão Toa a trouxe ao portão vestida de trapos imundos. Seus olhos azul-escuros captavam tudo ao redor, mas não revelavam nada.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

